

A guerra da Ucrânia e os impactos sobre as estratégias energéticas de Rússia e União Europeia

The war in Ukraine and its impacts on the energy strategies of Russia and the European Union

José Késsio Floro Lemos¹

Resumo

O conflito na Ucrânia, deflagrado em fevereiro de 2022, catalisou uma reconfiguração profunda e irreversível do sistema energético global e da ordem geopolítica contemporânea. Este artigo explora a transformação estrutural das políticas energéticas da Rússia e da União Europeia (UE), impulsionada pelo acirramento das tensões geopolíticas decorrentes da guerra. A pesquisa examina o redirecionamento estratégico da Rússia em direção à Ásia, com destaque para a China, como uma resposta às sanções impostas pelo Ocidente e à perda do mercado europeu, bem como as iniciativas emergenciais da UE para diversificar suas fontes de energia, com ênfase na crescente dependência do gás natural liquefeito (GNL) proveniente dos Estados Unidos. Os resultados revelam que essas mudanças não apenas alteraram dinâmicas regionais, mas também estão redefinindo as estruturas de poder globais. A energia, tradicionalmente um pilar do poder internacional, assume agora um papel central na ordem geopolítica em evolução, influenciando alianças, cadeias de suprimento e estratégias de segurança. Este estudo contribui para o entendimento das complexas interações entre energia, poder e geopolítica em um mundo fragmentado e competitivo, enfatizando a importância dessas mudanças na antecipação de futuras crises e na identificação de novos movimentos na redistribuição do poder internacional.

Palavras-chave: Rússia; União Europeia; Energia; Guerra; Ucrânia.

Abstract

The conflict in Ukraine, which erupted in February 2022, has triggered a profound and irreversible reconfiguration of the global energy system and the contemporary geopolitical order. This article examines the structural transformation of the energy policies of Russia and the European Union (EU), driven by the intensifying geopolitical tensions stemming from the war. The research focuses on Russia's strategic pivot towards Asia, particularly China, as a response to Western sanctions and the loss of the European market, as well as the EU's urgent initiatives to diversify its energy sources, with a growing reliance on liquefied natural gas (LNG) from the United States. The findings reveal that these shifts have not only altered regional dynamics but are also redefining global power

¹ Doutor em Relações Internacionais pelo Programa San Tiago Dantas (Unesp - Unicamp - PUC-SP), São Paulo, São Paulo, Brasil. Pesquisador no Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia (ISAPE), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Professor na Pós-Graduação em Geopolítica Contemporânea da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *E-mail:* kessiolemos@gmail.com; *Orcid iD:* <https://orcid.org/0000-0002-1306-3161>

structures. Energy, traditionally a cornerstone of international power, now plays a central role in the evolving geopolitical order, influencing alliances, supply chains, and security strategies. This study contributes to the understanding of the complex interactions between energy, power, and geopolitics in a fragmented and competitive world, highlighting the significance of these changes in anticipating future crises and identifying new movements in the redistribution of international power.

Keywords: Russia; European Union; Energy; War; Ukraine.

Introdução

O conflito na Ucrânia, iniciado em fevereiro de 2022, desencadeou não apenas uma crise de segurança na Europa, mas também reconfigurou o sistema energético global de maneira profunda e irreversível. À medida que as forças russas avançavam sobre o território ucraniano, a interdependência energética que por décadas sustentou as relações entre Rússia e União Europeia (UE) emergiu como o epicentro de uma nova ordem geopolítica. A Rússia, que tradicionalmente era o maior fornecedor de petróleo e gás natural para o continente europeu, capitalizou seus recursos energéticos como um vetor de poder e influência geopolítica. Por outro lado, a Europa, altamente dependente dessas importações – com quase 40% de seu gás natural oriundo da Rússia antes da invasão –, viu-se confrontada com uma vulnerabilidade estratégica, cujas consequências ultrapassam o campo econômico e atingem o cerne de sua segurança nos níveis regional e global.

As sanções ocidentais, impostas como retaliação à agressão russa, e a subsequente resposta de Moscou ao cortar ou restringir o fornecimento de gás para o continente, colocaram a Europa em um dilema crítico: como assegurar sua segurança energética sem comprometer seus compromissos com a transição para uma economia verde? Além disso, o realinhamento forçado das exportações russas, orientando-se para novos mercados na Ásia, especialmente para a China, introduziu novos desafios e incertezas à economia russa, ao mesmo tempo em que reconfigurou as dinâmicas energéticas globais. Esse redirecionamento estratégico, embora necessário, levanta questões quanto aos custos e riscos envolvidos, assim como à viabilidade de uma dependência crescente de mercados asiáticos.

Este artigo fundamenta-se na hipótese de que o conflito ucraniano não apenas exacerbou tensões preexistentes entre a Rússia e a UE, mas também acelerou uma transformação estrutural nas políticas energéticas de ambas as partes, com implicações profundas para o quadro geopolítico global. O estudo ganha relevância ao demonstrar que essas mudanças transcendem as dinâmicas regionais e têm o potencial de redefinir as estruturas de poder internacional. A energia, um eixo sobretudo importante no exercício do poder internacional, assume agora um papel ainda mais crítico no complexo processo de reconfiguração das alianças geopolíticas, das cadeias globais de fornecimento e das estratégias de segurança dos principais atores globais.

Diante desse contexto, este estudo tem como objetivo geral investigar como o conflito na Ucrânia impactou as políticas energéticas da Rússia e da UE e suas respectivas implicações geopolíticas. Mais especificamente, pretende-se: (1) analisar a evolução das estratégias energéticas da Rússia antes e após o conflito, com ênfase nas adaptações nas exportações e nas respostas às sanções ocidentais; (2) examinar as medidas implementadas pela UE para diversificar suas fontes de energia e mitigar sua dependência da Rússia; (3) avaliar as consequências dessas transformações para o mercado energético global; e (4) explorar o pivô energético da Rússia em direção à Ásia, investigando suas motivações estratégicas e desafios inerentes.

Através de uma abordagem de estudo de caso, este trabalho contribui para o entendimento das interações complexas entre energia, poder e geopolítica em um mundo cada vez mais fragmentado e competitivo. Com o agravamento da pressão sobre os recursos energéticos globais e o avanço das mudanças climáticas, compreender como os

principais atores geopolíticos estão reposicionando suas políticas energéticas torna-se fundamental para antecipar crises futuras e identificar novos movimentos na redistribuição de poder internacional.

A centralidade da energia nas relações internacionais

A energia ocupa uma posição central no cálculo estratégico das grandes potências, sendo um dos recursos mais críticos para a manutenção da soberania estatal e para a projeção de poder no sistema internacional. Essa centralidade decorre do fato de que, conforme argumenta Robert Gilpin (1981), a disputa pelo controle de recursos escassos, como petróleo e gás natural, exemplifica a lógica hobbesiana que rege as relações entre Estados. O poder transcende a mera força militar, englobando também o domínio de recursos econômicos e energéticos, essenciais para a preservação e expansão das capacidades estatais (Yergin, 2014). Nesse contexto, a energia emerge como uma moeda de poder fundamental na construção de alianças e na influência sobre a política global.

As implicações geopolíticas desse desenvolvimento são profundas e abrangem uma série de dimensões estratégicas. A energia não apenas molda alianças, mas também define antagonismos regionais e globais, posicionando os Estados produtores em um patamar de influência elevado. O controle sobre recursos energéticos e suas rotas de transporte confere a esses Estados uma posição privilegiada, permitindo que utilizem esses recursos como alavancas de influência política e econômica (Graaf *et al.*, 2016). A Rússia, por exemplo, tem consolidado sua posição de poder ao utilizar suas reservas de hidrocarbonetos para exercer pressão sobre a UE e manter sua esfera de influência no espaço pós-soviético. Assim, o papel da Rússia exemplifica como a energia pode ser instrumentalizada para fortalecer a posição geopolítica de um Estado.

Para os Estados importadores, a busca por segurança energética redefine as prioridades de política externa. Esse processo incentiva a diversificação das fontes de energia e o fortalecimento

de parcerias com outros fornecedores, elementos que são essenciais para a manutenção da segurança energética. Ao mesmo tempo, essa busca pode gerar novas alianças estratégicas ou exacerbar rivalidades geopolíticas, especialmente em regiões onde as rotas de transporte de energia são vulneráveis a conflitos. A crescente dependência da China e da Índia em relação ao Oriente Médio e à Rússia ilustra como as grandes potências emergentes estão moldando suas políticas externas com base em considerações energéticas.

Em nível global, a centralidade da energia também alimenta rivalidades entre grandes potências. A competição por mercados de energia e pela influência em regiões ricas em recursos cria um ambiente propenso ao conflito, destacando a importância das rotas de transporte, como visto nas tensões entre os Estados Unidos e a China no Mar do Sul da China. A utilização estratégica dos recursos energéticos por potências revisionistas, como a Rússia, sinaliza o retorno de uma política de poder que privilegia a coerção em detrimento da cooperação, ameaçando a estabilidade internacional. Entretanto, essa mesma interdependência que pode levar ao conflito também possui o potencial de transformar a energia em um catalisador para a cooperação entre Estados.

Apesar das rivalidades, há exemplos claros de como a energia pode promover a cooperação internacional. A UE, por exemplo, tem adotado uma estratégia cooperativa que visa diversificar suas fontes de energia enquanto fortalece as redes de energia renovável, mitigando assim a dependência de atores hegemônicos. Essa abordagem não só busca construir uma base mais sólida para a segurança energética no longo prazo, mas também exemplifica o potencial da energia como um instrumento de cooperação global. Assim, a energia pode desempenhar um papel duplo, sendo tanto um fator de rivalidade quanto um meio para a cooperação, dependendo das circunstâncias e das estratégias adotadas pelos Estados envolvidos.

Goldthau (2013) e Shaffer (2009) reforçam que a energia não é apenas um componente vital da economia global, mas também um pilar da

segurança nacional. Ao determinar tanto as alianças quanto os antagonismos entre os Estados, a energia se posiciona como um elemento essencial na geopolítica contemporânea. Para os países importadores, a segurança energética é uma questão de sobrevivência política; para os exportadores, a energia é uma ferramenta de influência geopolítica, usada para consolidar poder em esferas regionais e globais. Nesse contexto, a energia pode ser tanto um fator de cooperação quanto de conflito.

Panorama conceitual e teórico

As abordagens teóricas das relações internacionais divergem quanto ao papel da energia no sistema internacional. A tradição realista, conforme articulada por Hans Morgenthau (1948), vê a energia como um recurso estratégico de primeira ordem, frequentemente gerador de conflito. Para Kaplan (2018), a competição pelo controle de recursos energéticos e suas rotas de transporte está no centro das disputas geopolíticas contemporâneas. Essa perspectiva reflete o entendimento clássico do realismo, que enfatiza o poder como o objetivo final nas interações interestatais.

Contudo, uma corrente teórica alternativa, associada ao liberalismo, sugere que a interdependência energética pode fomentar a cooperação entre os Estados. Joseph Nye (2004), ao desenvolver o conceito de “poder brando” (*soft power*), argumenta que a interdependência econômica, especialmente no setor energético, pode mitigar rivalidades históricas e promover redes cooperativas. Sob esta ótica, a globalização da energia cria interdependências de benefícios mútuos, potencialmente atenuando tensões entre Estados. No entanto, mesmo na visão liberal, essa cooperação é limitada quando se trata de contextos de intensa competição estratégica, como o caso das tensões energéticas entre Rússia e UE, onde interesses de poder frequentemente sobrepõem-se às lógicas cooperativas. A dualidade entre cooperação e conflito nos leva à observância de uma teoria que integra esses dois aspectos e adiciona uma camada de complexidade ao considerar as influências domésticas: o realismo neoclássico.

O realismo neoclássico, desenvolvido por Gideon Rose (1998), oferece uma estrutura analítica que concilia a dinâmica internacional com as variáveis domésticas na transformação dos recursos energéticos em poder estatal. Ao contrário do neorealismo, que privilegia as pressões sistêmicas sobre os Estados, o realismo neoclássico permite uma compreensão mais refinada dos processos internos que moldam as políticas externas, especialmente no que tange à conversão de capacidades energéticas em poder geopolítico.

A política energética da Rússia, sob a liderança de Vladimir Putin, exemplifica as premissas do realismo neoclássico. Moscou, buscando restaurar sua influência no cenário global, utilizou sua vasta riqueza em hidrocarbonetos como uma ferramenta estratégica. O modelo de conversão de capacidades de Jeffrey Hart (1976) é útil para entender como a Rússia mobilizou seus recursos energéticos para afirmar seu poder, particularmente em suas relações com a Europa. A interdependência assimétrica entre Rússia e UE, caracterizada pela dependência europeia do gás russo, ilustra como Moscou instrumentalizou sua energia para obter vantagem geopolítica.

Interdependência assimétrica: fonte de poder?

A interdependência assimétrica é um conceito central nas discussões sobre poder econômico e geopolítico, especialmente no setor energético. Quando um Estado depende criticamente de outro para suprimentos estratégicos, o segundo Estado pode utilizar essa dependência para exercer influência coercitiva (Keohane; Nye Junior, 2001). No entanto, essa dinâmica de poder é sensível à capacidade dos atores de se adaptarem e diversificarem suas fontes de abastecimento, reduzindo sua vulnerabilidade ao longo do tempo. No caso da UE, a crise na Ucrânia acelerou seus esforços para diversificar fornecedores e fortalecer suas reservas estratégicas, alterando a relação de poder com a Rússia.

A utilização eficaz da interdependência assimétrica depende, em última instância, da capacidade dos Estados de sustentar os custos associados

e de adaptar suas estratégias à evolução do sistema internacional. No cenário atual, com o pivô energético da Rússia para a Ásia e a diversificação energética europeia, o equilíbrio de poder energético global continua a se reconfigurar, reforçando a centralidade da energia nas relações internacionais.

O papel central da energia nas relações internacionais, conforme discutido, é ao mesmo tempo fonte de cooperação e de conflito. Esta dualidade, amplamente debatida na literatura, é especialmente visível na evolução das relações energéticas entre Rússia e UE. Durante décadas, o comércio de energia entre essas duas grandes potências foi considerado um exemplo de interdependência benéfica e cooperação estratégica. Desde o período do pós-Segunda Guerra Mundial, a energia foi o alicerce sobre o qual se ergueram relações comerciais sólidas, mesmo em meio a contextos de tensões políticas.

A interdependência entre os mercados de energia da Rússia e da Europa Ocidental sustentou uma narrativa de pragmatismo econômico que, por muitos anos, parecia sobrepor-se às divergências ideológicas e geopolíticas. O fornecimento de gás natural russo para a Europa, iniciado ainda durante a Guerra Fria, tornou-se, no pós-Guerra Fria, um símbolo de como a energia poderia atuar como um vetor de estabilidade e cooperação. A construção de oleodutos e gasodutos transcontinentais, bem como os contratos de longo prazo entre empresas estatais russas e europeias, reforçaram uma relação que muitos analistas acreditavam ser resiliente às pressões externas.

No entanto, essa relação, inicialmente vista como mutuamente benéfica, começou a se degradar à medida que os interesses geopolíticos divergentes dos atores vieram à tona. Com o passar dos anos, fatores como a expansão da UE para o leste, a ascensão de novas dinâmicas de segurança e a utilização da energia como arma de coerção por parte da Rússia transformaram essa parceria em uma arena de disputa. O ponto culminante dessa degradação ocorreu em 2022, com a brusca diminuição do comércio de energia entre as partes, provocada por uma combinação de eventos políticos e

estratégicos que expuseram as vulnerabilidades de ambos os lados.

A seguir, o próximo capítulo examinará essa transição, detalhando como uma relação que outrora era vista como exemplar de cooperação evoluiu para um cenário de incerteza e antagonismo, culminando na dramática ruptura das trocas energéticas entre Rússia e UE em 2022. Este capítulo buscará explicar as razões por trás dessa mudança, analisando os principais eventos, políticas e atores que contribuíram para o colapso da interdependência energética e os novos desafios que surgiram para ambas as partes no contexto da geopolítica contemporânea.

Relações energéticas entre Rússia e União Europeia

A relação energética entre a Rússia e a UE é uma das mais significativas expressões da interdependência geopolítica contemporânea. Desde a sua origem na década de 1960 até os eventos que antecederam a invasão da Ucrânia em 2022, essa relação passou por momentos críticos que redefiniram o equilíbrio de poder entre Moscou e Bruxelas. Ao longo das décadas, essa dinâmica evoluiu de uma parceria mutuamente benéfica para uma arena de rivalidade estratégica, onde interesses econômicos e questões de segurança se entrelaçam de maneira indissociável (Henderson; Pirani, 2014).

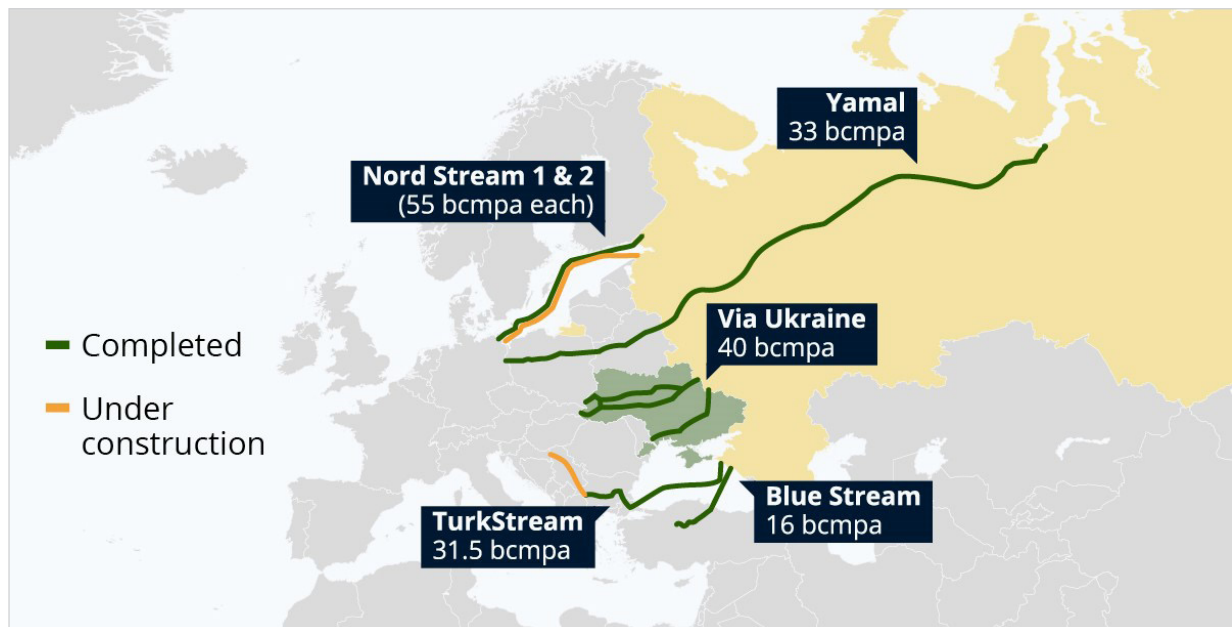
Durante a Guerra Fria, a integração energética entre a União Soviética (URSS) e a Europa Ocidental ocorreu em um contexto de rivalidade ideológica, mas também de interdependência econômica. A construção do oleoduto Druzhba em 1964 conectou os vastos recursos soviéticos às economias europeias, fornecendo petróleo tanto aos países do Conselho de Assistência Econômica Mútua (CAME) quanto à Europa Ocidental. A construção subsequente de rede de gasodutos, culminando na operação do gasoduto Urengoy-Uzhgorod em 1984, que ligava diretamente os campos de gás da Sibéria à Europa Ocidental, consolidou essa interdependência. O aumento das exportações de gás soviético, que passaram de 29

bilhões de metros cúbicos (bcm) em 1983 para 60 (bcm) em 1989, representou um marco significativo nessa relação (Belyi, 2015). Essa interdependência transcendeu a divisão ideológica da Guerra Fria, criando uma exceção à regra de polarização global, onde o comércio de energia serviu como uma área de cooperação em meio às acirradas tensões geopolíticas (Victor; Jaffe; Hayes, 2006).

Com o colapso da União Soviética, a Rússia herdou uma vasta infraestrutura energética, consolidando-se rapidamente como o principal fornecedor de energia para a Europa. Nos anos 1990, o comércio energético entre a Rússia e a UE floresceu, impulsionado por novos projetos de infraestrutura, como o gasoduto Yamal-Europa, que entrou em operação em 1997. Esse gasoduto, que

transporta gás diretamente da Rússia para a Alemanha, via Bielorrússia e Polônia, simbolizou o aprofundamento das relações comerciais entre Moscou e Bruxelas. Nos anos 2000, essa cooperação se intensificou com a assinatura de contratos de longo prazo entre a Rússia e grandes empresas energéticas europeias, como a alemã E.ON e a francesa ENGIE. O lançamento do projeto Nord Stream em 2005 marcou um novo capítulo nessa parceria, ao criar uma rota direta de gás natural entre a Rússia e a Alemanha através do Mar Báltico (ver Figura 1). Este projeto não apenas reforçou a dependência europeia do gás russo, mas também permitiu à Rússia evitar rotas de trânsito politicamente instáveis, como a Ucrânia, assegurando maior controle sobre suas exportações (Stern, 2005).

Figura 1 - Gasodutos interligando Rússia à Europa.



Fonte: Buchholz (2022).

Entretanto, a partir de meados da década de 2000, a relação energética, até então marcada por pragmatismo econômico, começou a enfrentar crescentes desafios. As disputas de trânsito de gás entre a Rússia e a Ucrânia, em 2006 e 2009, resultaram em interrupções temporárias no fornecimento de gás à Europa, expondo a vulnerabilidade da UE à instabilidade política na região (Stern,

2006; Stern; Pirani; Yafimava, 2009). Esses eventos evidenciaram como a dependência europeia do gás russo poderia ser utilizada como uma alavanca política, gerando receios em Bruxelas sobre a segurança energética europeia e sua interseção com disputas geopolíticas (Belyi, 2015). A anexação da Crimeia pela Rússia em 2014 marcou um ponto de inflexão nessa relação. Em resposta à violação do

direito internacional, a UE impôs sanções econômicas contra a Rússia, afetando setores estratégicos como finanças, defesa e energia. No entanto, as exportações de gás foram poupadas, o que demonstrou a profundidade da interdependência energética. Apesar da crescente pressão política para reduzir a dependência da UE do gás russo, a realidade mostrou-se mais complexa: a Rússia continuava sendo o maior fornecedor de energia da Europa, enquanto as infraestruturas necessárias para uma diversificação significativa ainda estavam em estágio inicial de desenvolvimento (Smith, 2014).

Apesar das sanções, o comércio de energia entre a Rússia e a UE continuou a se expandir. Entre 2016 e 2018, as exportações de gás russo para a Europa atingiram novos recordes, chegando a 201 (bcm) em 2018 (IEA, 2018). Novos projetos de infraestrutura, como o Nord Stream 2 e o Turk-Stream, fortaleceram ainda mais o papel da Rússia como principal fornecedora de gás para a Europa, ao garantir o controle sobre rotas de exportação e contornar países de trânsito instáveis. No entanto, o cenário energético global estava passando por rápidas transformações, impulsionado não apenas por rivalidades geopolíticas, mas também por pressões ambientais e avanços tecnológicos. A transição energética global, caracterizada pela crescente adoção de energias renováveis e pela busca por fontes mais limpas e sustentáveis, desafiava os centros de poder tradicionais baseados em combustíveis fósseis. Isso criava tensões entre a necessidade de segurança energética no curto prazo e os compromissos de longo prazo com a descarbonização (Goldthau; Sitter, 2020).

Da cooperação ao confronto

A invasão russa da Ucrânia, ocorrida em fevereiro de 2022, não apenas expôs a vulnerabilidade estrutural da segurança energética europeia, como também catalisou uma das mais drásticas reconfigurações nos fluxos globais de energia das últimas décadas. A Europa, tradicionalmente dependente das vastas reservas de gás natural da Rússia, foi subitamente forçada a buscar soluções

emergenciais para assegurar o suprimento de energia, em um contexto de profunda incerteza geopolítica e econômica. Este realinhamento não se deu de maneira gradual, mas sim em meio a uma crise sem precedentes, na qual decisões rápidas se tornaram essenciais para evitar o colapso do sistema energético europeu.

A primeira resposta da UE foi implementar uma série de medidas emergenciais, destacando-se a busca acelerada por fontes alternativas de energia. Entre essas alternativas, o gás natural liquefeito (GNL) dos Estados Unidos emergiu como uma solução crítica e estratégica. Simultaneamente, a UE investiu na rápida expansão de infraestruturas para recebimento de GNL, como as unidades flutuantes de regaseificação (FSRU), que permitiram aumentar a capacidade de importação de forma flexível em regiões carentes de terminais tradicionais (Bloomberg, 2022).

O papel desempenhado pelo GNL norte-americano, nesse contexto, foi monumental. O aumento de 53,5 (bcm) na capacidade de importação de GNL pela Europa entre 2022 e 2023 atesta o vigor e a celeridade da resposta europeia à ruptura com a Rússia (Gross; Stelzenmüller, 2024). Entretanto, tal aumento não deve ser interpretado como um simples rearranjo técnico, mas como uma mudança paradigmática na arquitetura energética global, na qual as cadeias de suprimento foram abruptamente realinhadas, afetando tanto produtores quanto consumidores em todo o mundo.

Entre 2021 e 2024, as exportações de GNL dos EUA para a Europa aumentaram exponencialmente, com as exportações atingindo 56 (bcm) em 2022, mais que o dobro dos 22 (bcm) registrados no ano anterior (IEA, 2023). A Europa, que anteriormente dependia de cerca de 155 (bcm) de gás natural da Rússia anualmente, encontrou nos Estados Unidos um substituto parcial para essa dependência. Roberts e Cohen (2024) sublinham que essa mudança não apenas ajudou a evitar uma crise energética de proporções devastadoras, como também estabilizou os preços em um momento de extrema volatilidade. O pico de €345 por megawatt-hora, observado em agosto de 2022 no TTF (Title

Transfer Facility), ilustra a magnitude das pressões sobre o mercado, aliviadas em parte pela chegada do GNL estadunidense (Energy Monitor, 2023; IEEFA, 2023; Gross; Stelzenmüller, 2023).

Contudo, o GNL norte-americano não apenas preencheu uma lacuna de fornecimento. Ele ofereceu à Europa a possibilidade de mitigar os riscos associados à dependência de fornecedores de regiões geopolíticas mais instáveis. A diversificação para o GNL transportado dos Estados Unidos, sem a necessidade de atravessar regiões de risco como o Golfo Pérsico e o Mar Vermelho, conferiu à UE maior autonomia estratégica em termos energéticos (Roberts; Cohen, 2024). Esta reconfiguração das rotas energéticas também redefiniu o papel dos Estados Unidos como um dos principais atores no cenário energético global, reforçando sua influência política e econômica sobre a Europa.

Entretanto, a adaptação a esse novo cenário não foi homogênea. Países como a Alemanha, que historicamente cultivaram laços energéticos profundos com a Rússia, enfrentaram dificuldades significativas (European Council, 2022a). O fechamento do Nord Stream 1 e o cancelamento do Nord Stream 2 colocaram a Alemanha em uma posição particularmente vulnerável, forçando o país a firmar novos contratos com a Noruega e a aumentar significativamente suas importações de GNL. Por outro lado, países como a Áustria continuam extremamente dependentes do gás russo, uma vez que 98% de suas necessidades ainda são supridas por fontes russas (Gross; Stelzenmüller, 2024). Esse cenário revela a complexidade das transições energéticas na Europa, que ocorrem de maneira desigual, refletindo as diferentes capacidades econômicas e políticas dos Estados-membros da UE.

Ademais, há incertezas quanto à sustentabilidade dessa dependência do GNL norte-americano a longo prazo. A pausa nas aprovações de novos projetos de exportação de GNL nos Estados Unidos, decretada pela administração Biden em 2024, lançou dúvidas sobre a continuidade do fluxo de gás para a Europa. Roberts e Cohen (2024) alertam que, sem novos projetos, a capacidade dos Estados Unidos de atender à crescente demanda europeia

poderá ser comprometida, especialmente à medida que mercados asiáticos, com destaque para a China, intensificam sua demanda por GNL. Esse cenário pode levar a uma escassez de oferta, forçando a Europa a buscar alternativas potencialmente menos estáveis e a se expor a flutuações ainda mais instáveis nos preços globais de energia.

Em suma, o impacto do GNL norte-americano na segurança energética da Europa é substancial. No entanto, trata-se de uma solução temporária e, como tal, não pode ser vista como a resposta definitiva para os desafios estruturais enfrentados pela UE. A dependência de importações de GNL, que são mais caras e sujeitas a variações de mercado, levanta questões sobre a viabilidade dessa estratégia a longo prazo. A experiência entre 2022 e 2024 serve como um lembrete da importância de investimentos contínuos em infraestrutura energética e da necessidade urgente de acelerar a transição para fontes renováveis. Somente a partir dessas considerações a Europa poderá reduzir sua vulnerabilidade a crises futuras e garantir sua segurança energética de maneira sustentável, minimizando os riscos geopolíticos e econômicos associados à dependência externa.

Moscou e o pivô para a Ásia

Desde o colapso da URSS, a Rússia alavancou suas vastas reservas de petróleo e gás como instrumentos efetivos para a projeção de poder econômico e geopolítico, particularmente na Europa. O conflito na Ucrânia, contudo, precipitou uma reconfiguração forçada dessa estratégia, acarretando profundas implicações tanto para Moscou quanto para a dinâmica do mercado energético global.

Antes do conflito, a Rússia se posicionava como o maior fornecedor de gás natural da Europa, exportando por ano aproximadamente 155 (bcm) para a UE, o que representava mais de 40% das importações totais de gás do bloco (European Council, 2022b). Esse fornecimento não representava meramente uma transação econômica, mas uma âncora da influência de Moscou sobre os países europeus, especialmente aqueles mais dependentes,

como Alemanha e Itália. O gasoduto Nord Stream 1, por exemplo, simbolizava a profundidade da integração energética entre a Rússia e a Europa. Contudo, a invasão da Ucrânia abalou essa relação de forma, talvez, irreversível.

Como já visto, a resposta da UE foi rápida e drástica: a redução imediata da dependência do gás russo foi acompanhada por um abrangente pacote de sanções ocidentais que visaram diretamente as capacidades energéticas da Rússia. Um dos principais instrumentos dessas sanções foi a imposição de um limite de preços ao petróleo russo, estabelecido em dezembro de 2022 pela UE, G7 e Austrália, fixado em 60 dólares por barril. Esse teto de preços foi projetado para reduzir significativamente as receitas da Rússia provenientes das exportações de petróleo, ao mesmo tempo em que buscava manter a estabilidade no mercado global de energia. A estratégia permitiu que o petróleo russo continuasse a ser comercializado, mas a um preço que limitasse os ganhos financeiros de Moscou. Essas sanções não apenas restringiram as exportações de petróleo e gás, mas também bloquearam o acesso russo a tecnologias ocidentais essenciais para a exploração e produção de hidrocarbonetos (Milov, 2024).

No caso do gás natural, o impacto foi particularmente severo. A Rússia perdeu acesso ao seu principal mercado – a Europa – que antes representava cerca de 48% das exportações de gás natural canalizado. Esse valor caiu drasticamente para 12,7% até o quarto trimestre de 2023 (Eurostat, 2023). A drástica redução das exportações russas para a Europa não só enfraqueceu a posição econômica de Moscou, como também evidenciou a vulnerabilidade da Rússia em relação à dependência de um único mercado. Ao perder a Europa como seu principal destino de exportação de gás, a Rússia foi forçada a buscar novos mercados, principalmente na Ásia, embora com retornos financeiros menos favoráveis.

Essa ruptura não deve ser vista apenas como uma resposta emergencial, mas como o marco inicial de uma reorientação estrutural na política energética russa. A primeira grande adaptação foi

a aceleração do “pivô para o Oriente”. A China, em particular, tornou-se o foco central das exportações russas de gás natural. O gasoduto “Força da Sibéria”, que conecta os campos de gás russos à China, emergiu como uma alternativa crítica à perda do mercado europeu. Em 2022, as exportações de gás para a China aumentaram significativamente, embora o volume total de 15 (bcm) ainda estivesse longe de compensar os 155 (bcm) previamente exportados para a Europa (Gazprom, 2023b). Os planos de expansão dessa infraestrutura, incluindo o projeto “Força da Sibéria 2”, indicam o comprometimento da Rússia em redirecionar uma parcela substancial de seus hidrocarbonetos para o leste.

Além do gás natural, a Rússia intensificou suas exportações de petróleo e carvão para novos mercados. A Índia, por exemplo, emergiu como um dos maiores compradores de petróleo russo após a imposição das sanções ocidentais. Em 2022, as exportações de petróleo russo para a Índia aumentaram mais de 22 vezes, atingindo cerca de 1,2 milhão de barris por dia no final do ano (Reuters, 2023). Essa diversificação permitiu à Rússia mitigar parte das perdas no mercado europeu, embora a preços reduzidos. Para atrair compradores asiáticos, Moscou ofereceu descontos substanciais, apesar dos elevados custos logísticos. Por exemplo, o custo adicional para transportar petróleo da Rússia para a Índia variou entre 10 e 15 dólares por barril, principalmente devido às distâncias geográficas e aos gargalos no transporte marítimo, como o Estreito de Bab al-Mandeb (Milov, 2024).

Outro aspecto crucial da resposta russa foi o fortalecimento do mercado interno de energia e a busca por autossuficiência tecnológica. As sanções ocidentais, ao bloquearem o acesso da Rússia a tecnologias críticas, forçaram Moscou a investir em soluções internas. Empresas como Gazprom e Rosneft intensificaram seus investimentos em pesquisa e desenvolvimento para reduzir a dependência de equipamentos e tecnologias ocidentais, especialmente em áreas de exploração *offshore* no Ártico (Gazprom, 2023a).

Porém, a dependência da Rússia de mercados externos e a fragilidade de suas infraestruturas de

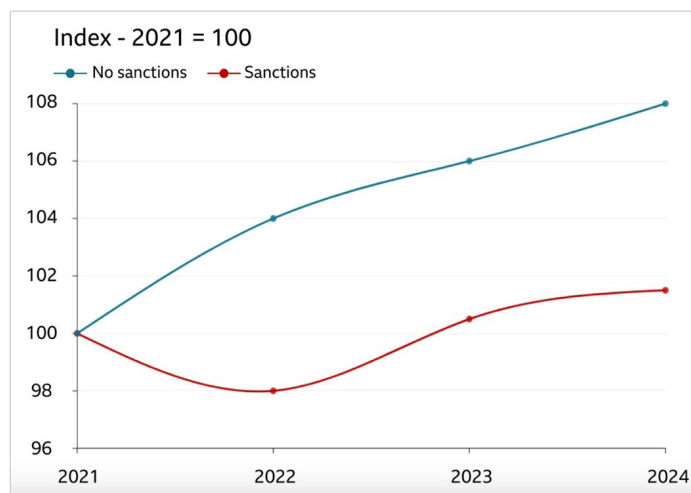
exportação levantam dúvidas sobre a sustentabilidade de sua política energética a longo prazo. A capacidade russa de redirecionar volumes significativos de gás e petróleo para a Ásia é limitada pela infraestrutura existente. Embora a construção de novos gasodutos e terminais de exportação seja uma prioridade, esses projetos demandam tempo e investimentos substanciais, muitos dos quais estão dificultados pelas sanções. A invasão da Ucrânia e as sanções subsequentes impuseram à Rússia uma reconfiguração forçada de sua estratégia energética. Embora a Rússia continue a ser um grande exportador de petróleo e gás, a perda do mercado europeu e as restrições ao acesso a tecnologias ocidentais têm imposto desafios significativos. A dependência crescente de mercados asiáticos, como a China, reduziu a rentabilidade e colocou Moscou em uma posição de vulnerabilidade geopolítica. Além disso, o redirecionamento das exportações para a Ásia aumentou significativamente os custos de transporte e reduziu as margens de lucro.

O poder da Rússia como uma superpotência energética foi severamente abalado. As sanções mostraram-se eficazes em enfraquecer a capacidade da Rússia de usar a energia como ferramenta geopolítica. Embora o colapso total do setor energético russo seja improvável no curto prazo, as perspectivas de longo prazo indicam uma erosão contínua da capacidade da Rússia de projetar poder

global por meio do petróleo e gás. O efeito cumulativo das sanções e da perda de mercados resultou em uma considerável redução nas receitas orçamentárias da Rússia provenientes das exportações de petróleo e gás. Em 2023, essas receitas caíram 23,9% em comparação com o ano anterior (Milov, 2024). Quando comparadas aos níveis de 2021, as perdas foram ainda mais significativas, com a participação das receitas de petróleo e gás no PIB russo caindo de 6,8% para 5,3% (Milov, 2024).

Apesar da significativa queda nas receitas resultante das sanções, estas não foram suficientes para estagnar o crescimento econômico da Rússia ou comprometer sua capacidade de sustentar o esforço de guerra. Embora as sanções tenham freado o ritmo de expansão econômica, elas não provocaram uma contração econômica substancial. Em 2022, o primeiro ano do conflito, a economia russa retraiu-se em 2,1%, conforme dados do FMI. No entanto, em 2023, a economia mostrou sinais de recuperação, com um crescimento estimado de 2,2%, e a previsão para 2024 aponta para uma expansão adicional de 1,1% (BBC News, 2024). Esses indicadores revelam uma resiliência econômica mais robusta do que o inicialmente previsto, demonstrando a capacidade da Rússia de se adaptar e encontrar alternativas para preservar sua estabilidade econômica, mesmo diante de um cenário global extremamente adverso.

Figura 2 - Como as sanções têm afetado a economia da Rússia?



Fonte: BBC News (2024).

Diante desse cenário, a política energética da Rússia, após a invasão da Ucrânia, evoluiu como uma resposta a uma crise existencial. Forçada a se distanciar de sua dependência histórica do mercado europeu, a Rússia buscou expandir suas relações com a China e a Índia, enquanto tenta fortalecer sua autossuficiência interna. No entanto, essa transição tem sido permeada por desafios significativos, desde as limitações de infraestrutura até os efeitos das sanções econômicas. O futuro da política energética russa dependerá, em grande parte, de sua capacidade de se adaptar a esse novo cenário global, reestruturando suas alianças e reforçando sua resiliência em um mundo cada vez mais multipolar e fragmentado. A eficácia dessa adaptação será fundamental não apenas para o futuro econômico da Rússia, mas também para o equilíbrio e distribuição do poder internacional.

Considerações finais

A invasão da Ucrânia pela Rússia em fevereiro de 2022 desencadeou uma reconfiguração crítica na geopolítica energética global. Este conflito, de caráter profundamente estratégico, não apenas desestabilizou a ordem regional, mas também catalisou uma transformação estrutural nas relações energéticas internacionais, afetando significativamente as estratégias de segurança energética, as cadeias de suprimento globais e o equilíbrio de poder entre as grandes potências.

A interdependência energética entre a Rússia e a União Europeia (UE), que por décadas sustentou uma complexa rede de cooperação e competição, foi abruptamente desestabilizada. A Rússia, tradicionalmente o maior fornecedor de gás natural para a Europa, utilizou suas vastas reservas de hidrocarbonetos como uma ferramenta de coerção geopolítica, exacerbando as vulnerabilidades estruturais da UE. Em resposta, a UE implementou um rigoroso regime de sanções econômicas e, simultaneamente, buscou diversificar suas fontes de energia, especialmente por meio da importação de gás natural liquefeito (GNL) dos Estados Unidos. Esse movimento estratégico não apenas

desestruturou as antigas cadeias de suprimento, mas também gerou uma mudança paradigmática na arquitetura energética global, realinhando fluxos energéticos e reconfigurando o *status quo* das relações internacionais.

A reorientação das exportações russas para a Ásia, com ênfase na China, emergiu como uma resposta estratégica à perda do mercado europeu. Contudo, essa mudança trouxe novos desafios tanto para a Rússia quanto para os mercados globais de energia. A crescente dependência de Moscou dos mercados asiáticos introduziu uma série de incertezas econômicas e geopolíticas, agravadas pelos elevados custos de transporte e pela necessidade de vultosos investimentos em infraestrutura. Ademais, o reposicionamento da Rússia no cenário energético global enfraqueceu sua capacidade de projeção de poder, uma vez que sua influência sobre os mercados asiáticos é relativamente mais limitada do que sobre a Europa.

Por outro lado, a guerra na Ucrânia acelerou a transição energética na Europa. Confrontada com a necessidade urgente de reduzir sua dependência dos hidrocarbonetos russos, a UE intensificou os investimentos em energias renováveis e fortaleceu suas redes de energia limpa. Esta transição, embora estratégica e necessária, introduziu uma nova dinâmica na geopolítica energética global, onde a corrida por tecnologias de energia limpa, como baterias de lítio e painéis solares, começa a moldar as novas alianças e rivalidades do século XXI.

A longo prazo, a guerra na Ucrânia está reconfigurando a geopolítica energética de maneiras que transcendem as sanções imediatas e as rupturas nas cadeias de suprimento. As transformações desencadeadas pelo conflito estão redefinindo as bases da segurança energética global, deslocando o centro de gravidade das potências energéticas tradicionais e criando esferas de influência em torno das tecnologias de energia limpa. Assim, a guerra na Ucrânia, ao catalisar essas mudanças, não está apenas moldando o presente, mas também reestruturando o futuro da geopolítica global, onde a energia permanecerá como um dos eixos centrais do poder internacional.

Referências

BBC News. *What are the sanctions on Russia and have they affected its economy?* BBC, 24 jan. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-60125659>. Acesso em: 24 set. 2024.

BELYI, Andrei V. *Transnational gas markets and euro-russian energy relations*. Londres: Palgrave Macmillan, 2015.

BLOOMBERG. *What LNG Can and Can't do to Replace Russian Gas*. United States: Bloomberg, mar. 2022. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2022-03-11/what-lng-can-and-can-t-do-to-replace-russian-gas-quicktake>. Acesso em: 27 ago. 2024.

BUCHHOLZ, Catarina. Russian-european gas pipelines map. *Statista*, New York, 3 fev. 2022. Disponível em: <https://www.statista.com/chart/26769/russian-european-gas-pipelines-map/>. Acesso: 27 ago. 2024.

ENERGY MONITOR. *Ending EU Dependence on Russian Gas: Strategies and Challenges*. [S. l.]: Energy Monitor, 2023. Disponível em: <https://www.energymonitor.ai/analysis/ending-eu-dependence-on-russian-gas-strategies-and-challenges>. Acesso em: 26 ago. 2024.

EUROPEAN COUNCIL. *European Union response to Russia's invasion of Ukraine*. Brussels: UE, 2022a. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/en/policies/eu-response-ukraine-invasion/>. Acesso em: 25 ago. 2024.

EUROPEAN COUNCIL. *Where does the EU's gas come from?* Brussels: UE, 2022b. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/en/infographics/eu-gas-supply>. Acesso em: 26 ago. 2024.

EUROSTAT. *Continued drop in EU imports of energy products*. European Union: Eurostat, 2023. Disponível em: <https://ec.europa.eu/eurostat/web/products-eurostat-news/w/ddn-20240322-2>. Acesso em: 23 set. 2024.

GAZPROM. *Annual report 2022*. Moscow: Gazprom, 2023a.

GAZPROM. *Gas export to China via the Power of Siberia pipeline*. Moscow: Gazprom, 2023b. Disponível em: <https://www.gazprom.com/projects/power-of-siberia/>. Acesso em: 25 ago. 2024.

GILPIN, Robert. *War and change in world politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

GOLDTHAU, Andreas. *The handbook of global energy policy*. London: Wiley-Blackwell, 2013.

GOLDTHAU, Andreas; SITTER, Nick. *A liberal actor in a realist world: the European union regulatory state and the global political economy of energy*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

GRAAF, Thijs Van de; SOVACOOOL, Benjamin K.; GHOSH, Arunabha; KERN, Florian; KLARE, Michael T. *The palgrave handbook of the international political economy of energy*. London: Palgrave Macmillan, 2016.

GROSS, Samantha; STELZENMÜLLER, Constanze. Europe's messy Russian gas divorce. *Brookings*, Washington, DC, 12 set. 2023. Disponível em: <https://www.brookings.edu/articles/europes-messy-russian-gas-divorce/>. Acesso em: 23 set. 2024.

HART, Jeffrey. Three approaches to the measurement of power in international relations. *International Organization*, Cambridge, v. 30, n. 2, p. 289-305, 1976.

HENDERSON, James; PIRANI, Simon. *The russian gas matrix: how markets are driving change*. Oxford: Oxford Institute for Energy Studies, 2014.

IEA - INTERNATIONAL ENERGY AGENCY. *Gas market report Q2 2023*. Paris: IEA, 2023. Disponível em: <https://www.iea.org/reports/gas-market-report-q2-2023>. Acesso em: 25 ago. 2024.

IEA - INTERNATIONAL ENERGY AGENCY. *Gas 2018: analysis and forecasts to 2023*. Paris: IEA, 2018.

IEEFA - INSTITUTE FOR ENERGY ECONOMICS AND FINANCIAL ANALYSIS. *As Europe tries to cut Russian ties, dependence on imported LNG deepens*. Lakewood: IEEFA, 2023. Disponível em: <https://www.ieefa.org/articles/europe-tries-cut-russian-ties-dependence-imported-lng-deepens>. Acesso em: 26 ago. 2024.

KAPLAN, Robert D. *The geopolitics of energy*. Rane, [s. l.], 2018. Disponível em: <https://worldview.stratfor.com/article/geopolitics-energy>. Acesso em: 20 jun. 2021.

- KEOHANE, Robert O.; NYE JR., Joseph S. *Power and interdependence*. 3. ed. Boston: Longman, 2001.
- MILOV, Vladimir. *Oil, gas, and war: the effect of sanctions on the Russian energy industry*. Washington, D.C.: Atlantic Council, 2024.
- MORGENTHAU, Hans J. *Politics among nations: the struggle for power and peace*. New York: Alfred A. Knopf, 1948.
- NYE, Joseph S. *Soft power: the means to success in world politics*. New York: Public Affairs, 2004.
- REUTERS. *India's russian oil imports surge in 2022 amid Ukraine crisis*. Reuters, New York, 12 jan. 2023. Disponível em: <https://www.reuters.com/markets/commodities/indias-russian-oil-imports-surge-2022-amid-ukraine-crisis-2023-01-12/>. Acesso em: 25 ago. 2024.
- ROBERTS, John M.; COHEN, Ariel. *Why the EU needs US liquefied natural gas*. Washington, D.C.: Atlantic Council, 2024. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/resrep61448>. Acesso em: 26 ago. 2024.
- ROSE, Gideon. Neoclassical realism and theories of foreign policy. *World Politics*, Cambridge, v. 51, n. 1, p. 144-172, 1998.
- SHAFFER, Brenda. *Energy politics*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2009.
- SMITH, Keith C. *Ukraine, Russia, and the west: the battle for the gas pipeline*. Washington, D.C.: Center for Strategic and International Studies, 2014.
- STERN, Jonathan. *Russia-Ukraine gas crisis of January 2006*. Oxford: Oxford Institute for Energy Studies 2006. Disponível: <https://www.oxfordenergy.org/wpcms/wp-content/uploads/2011/01/Jan2006-RussiaUkraineGasCrisis-JonathanStern.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2024.
- STERN, Jonathan. *The future of Russian gas and Gazprom*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- STERN, Jonathan; PIRANI, Simon; YAFIMAVA, Katja. *The russo-ukrainian gas dispute of January 2009: a comprehensive assessment*. Oxford: Oxford Institute for Energy Studies, 2009. (Registered Charity, 286084). Disponível em: <https://www.oxfordenergy.org/wpcms/wp-content/uploads/2010/11/NG27-TheRussoUkrainianGasDisputeofJanuary2009AComprehensiveAssessment-JonathanSternSimonPiraniKatjaYafimava-2009.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2024.
- VICTOR, David G.; JAFFE, Amy M.; HAYES, Mark H. *Natural gas and geopolitics: from 1970 to 2040*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- YERGIN, Daniel. *A busca: energia, segurança e a reconstrução do mundo moderno*. Tradução de Donaldson M. Garschagen. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

Recebido em: 14 maio 2024

Aceito em: 25 set. 2024

